

Fazer uma resenha tradicional de **As cidades invisíveis** de Italo Calvino\*, apresentando-o como um livro delgado, obra de um importante autor contemporâneo da Itália, recentemente falecido (1985), com tradução primorosa, a respeito das narrativas do mercador veneziano Marco Polo sobre suas viagens pelo vasto império de Kublai Khan, seria um desperdício.

Ao revelar os segredos das cidades ao imperador, Marco revela outras coisas: cidades invisíveis, invisíveis aos olhos, pura viagem, fantasia. Uma resenha descritiva não faria jus a seu propósito. Marco faz viajar também o imperador, suas narrativas invadem Kublai, que refaz, em sua fantasia, a fantasia de Marco.

Tal qual Kublai, o leitor de Italo Calvino de início se assusta: um código árido se apresenta, duro, concreto... não há empatia imediata; o texto se ensina, ensaia-se no que virá... necessária paciência permite que se siga junto com a caravana. Há um resvalar... resvalar em um tomo leve que aparentemente poderia ser revelado rapidamente. Mas nos curtos textos ele se alastra, imbrica-se, multiplica-se. Não é possível atá-lo, tomá-lo de uma só vez, mas tampouco é possível deixar de se embriagar mesmo que depois de um diminuto gole. Um código novo é forjado, uma cumplicidade é criada.

Ao explorar a multiplicidade dimensional quer no tempo, quer no espaço, quer na concretude, quer na fantasia, Italo Calvino monta um labirinto, um caleidoscópio da infinitude, da imensidão desse captar prismático. Tal qual nos sonhos, não há opostos definitivos, não há adversidade completa, há a conjunção "e". A memória, o desejo, a percepção são simultâneos.

É essa viagem é através

## "As cidades invisíveis"

Comentários a partir da leitura de "As cidades invisíveis", Italo Calvino, tradução de Diogo Mainardi, Cia. das Letras, 1991

do inconsciente dado no suporte concreto, simbolizado na cidade, coisificado no livro, onde está presente uma lógica. Aqui na adjetivação substantivada dos capítulos que se acrescentam em um regime numeral, lógica que indicaria o foco, o que naquele momento é privilegiado, pinçado, posto em relevo. Mas lógica não é paralisia, não é gesso... fuge de si mesma: "... mas agora sei que esta é apenas uma das muitas estradas que naquela manhã se abriam para mim em Dorotéia" (p. 13).

E a viagem não é só de Khan, é de quem ouve Marco... "Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido" (p. 123).

Para o psicanalista tal viagem talvez seja estranhamente familiar... na singularidade de cada paciente, na pluralidade de cada encontro, na universalidade de cada fantasia solitária se dá nosso trabalho.

Polo e Khan partilham de tais encontros... "Tudo isto para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si mesmo..." (p. 28). Vão em busca de uma exterioridade que enfim se mostra interior, acham nos detalhes, ora presentes, o que de mais amplo se apresenta: "A quantidade de coisas que se poderia tirar de um pedacinho de madeira lisa e vazia abismava Kublai; Polo já começava a falar dos bosques de ébano, de balsas, de troncos que desciam os rios, dos desembarcadouros, das mulheres nas

janelas..." (p. 122); procuram no passado o futuro, refazem o percurso em sentido inverso e se encontram neste presente tão fluido:" ... e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto." (p. 28); o sonho e a realidade, o dentro e o fora se misturam, se diluem... "São as nossas pálpebras que os separam, mas não se sabe qual está dentro e qual está fora". (p. 96); os símbolos e sua relação de posse, permuta, tutela, com a realidade que transmuta, aprisiona, invade por sua vez o simbolizado..." — Quando conhecer todos os emblemas — perguntou a Marco —, conseguirei possuir o meu império, finalmente? E o veneziano: — Não creio: nesse dia, Vossa Alteza será um emblema entre os emblemas" (p. 26) e "Os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer" (p. 48); o movimento e a letargia mais uma vez se imbricam pois para Marco "Todas as coisas que vejo e faço ganham sentido num espaço da mente em que reina a mesma calma que existe aqui..." (p. 95); a posse, o poder, o tudo se revira no nada: "a conquista definitiva, diante da qual os multiformes tesouros do império não passavam de invólucros ilusórios reduziam-se a uma tessela de madeira polida: o nada..." (p. 113).

Tais temas insondáveis

em sua vastidão que ocupam o cotidiano dos psicanalistas ganham aqui uma roupagem imagética, proporcionam um vasto arsenal poético para encontros bem mais crus.

A palavra, o gesto, o veículo são frágeis suportes, frágeis interdiários; a palavra, aqui impressa, também é frágil, e a leveza de Italo Calvino não suporta, da mesma forma, intermediação. Tentar contá-lo é matá-lo. A experiência possível com **As cidades invisíveis** é tão somente ingressar nessa viagem: "Mas o que Kublai considerava valioso em todos os fatos e notícias referidos por seu inarticulado informante era o espaço que restava em torno deles, um vazio não preenchido por palavras". (p. 41).

\* Italo Calvino nasceu em Cuba, em 1923, indo logo depois para a Itália. Formado em letras em Torino, exerce, nessa mesma cidade, trabalhos editoriais na Einaudi. Passa os anos sessenta em Paris, colabora com os jornais **Corriere della Sera** nos anos setenta e com o **La Repubblica** nos anos oitenta. Teve sua primeira obra **Il sentiero dei nidi di ragno** (1947), contos e romances breves, inspirada em suas experiências na Segunda Grande Guerra, junto aos partizãos. Em 1959 funda a revista literária **Il Menabò di letteratura** com Vittorini. Morreu recentemente (1985) em Siena, quando já se preparava para proferir uma série de seis conferências a convite da Universidade de Harvard; tais conferências formam as "**Lezioni americane**" publicadas postumamente por sua esposa.

**Noemi Moritz Kon (Noni)**,  
psicanalista, membro do  
Departamento de Psicanálise  
Do Instituto Sedes Sapientiae.